

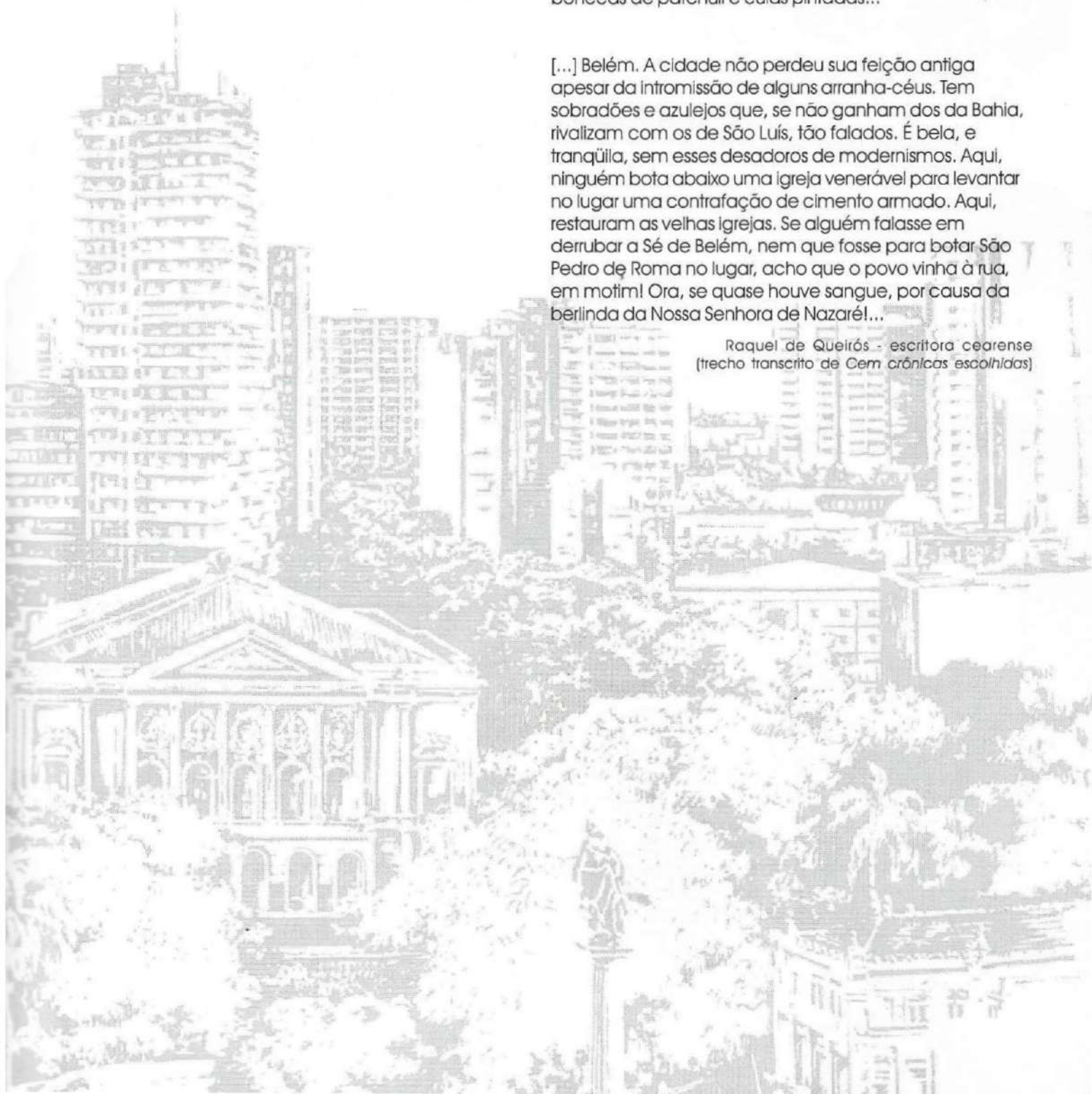
# Santa Maria de Belém do Grão-Pará



O nome mais bellissimo do mundo. Ah, chegar a Belém não é chegar apenas: é voltar, é regressar. Chegar é matar saudades da infância – dos dois anos mais importantes da minha infância. Rever as mangueiras, rever as avenidas, as antigas casas onde morei. O Cemitério da Soledade e, defronte, o Cemitério dos Ingleses, onde um pastor barbadiano tocava órgão. A casa de meu tio; as casas dos meus primos, hoje casados e viúvos e que naquele tempo não tinham nem sequer nascido. Comer pupunha na rua. Ouvir o doce sotaque de Belém que rivaliza com o carioca em serem os mais bonitos do Brasil. Comprar fruta no Ver-o-Peso. Ir ao Bosque; o Bosque! Mas não tem mais bonde... No Bosque, comer tacacá na cuia. Fazer provisão de cheiro-cheiroso – e as moças das lojas me dão presentes -, bonecas de patchuli e cuias pintadas...

[...] Belém. A cidade não perdeu sua feição antiga apesar da intromissão de alguns arranha-céus. Tem sobradões e azulejos que, se não ganham dos da Bahia, rivalizam com os de São Luís, tão falados. É bela, e tranqüila, sem esses desadornos de modernismos. Aqui, ninguém bota abaixo uma igreja venerável para levantar no lugar uma contrafação de cimento armado. Aqui, restauram as velhas igrejas. Se alguém falasse em derrubar a Sé de Belém, nem que fosse para botar São Pedro de Roma no lugar, acho que o povo vinha à rua, em motim! Ora, se quase houve sangue, por causa da berlinda da Nossa Senhora de Nazaré!...

Raquel de Queirós - escritora cearense  
(trecho transcrito de *Cem crônicas escolhidas*)





# Projeto Belém da Memória

*As cidades são como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas...*  
Ítalo Calvino

## Apresentação

Luzes sobre a cidade

Paulo Nunes e Josse Fares

Professores da Universidade da Amazônia

Alguém afirmou, certa vez, que a cidade é uma mulher. Metáfora? Cidade é mãe? Mas ela pode, muitas vezes, ser mais que uma metáfora viva. A cidade transforma-se numa metonímia, uma espécie de prolongamento constante das pessoas que nela habitam. Talvez seja interessante afirmar que as cidades são as pessoas que nela moram, nativos ou filhos adotivos. Desse modo, a cidade-espelho reflete a silhueta de seus habitantes.

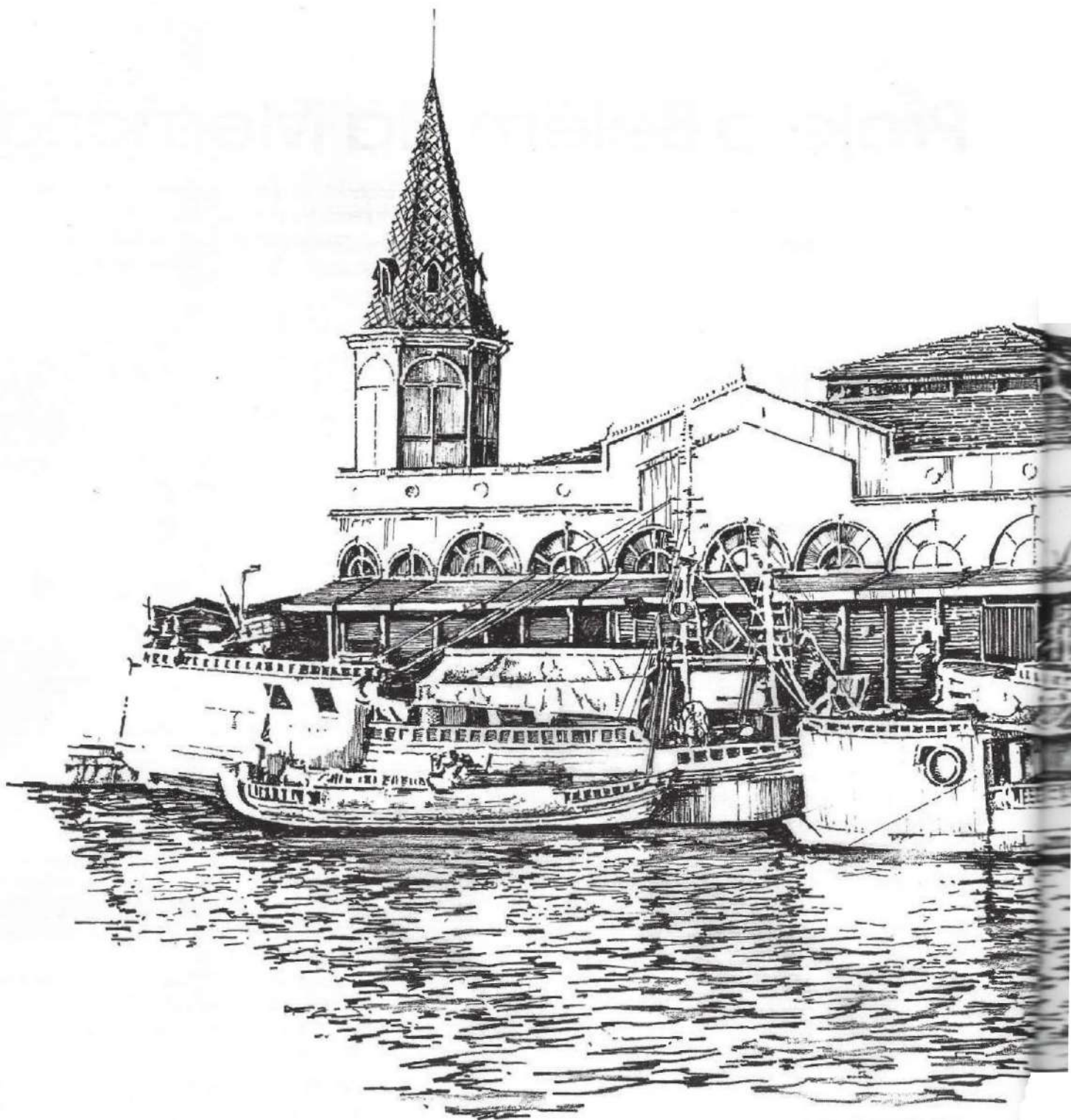
Belém do Pará, nestes mais de trezentos e oitenta anos, ultrapassou vários ciclos e etapas, cumprindo, inclusive, seu fado de *porta de entrada da região amazônica*, a Amazônia, para muitos, mítica. Belém, entretanto, é um agrupamento, por vezes, calcinado de problemas que, hoje, ante a celeuma político-econômica do país, afloram à flor da pele da *cidade morena*. Mas nem mesmo todos os problemas sociais, que percebermos a olho nu, fazem deste lugar uma referência desinteressante ou menos instigante. Seguindo este raciocínio, pode-se, inclusive, afirmar, sem medo de errar, que não existe uma Belém una, mas diversas, múltiplas *Beléns*: da metrópole "europelizada" à cidade dos charcos e baixadas: cidade para todos os gostos, de todos os rostos.

No entanto, o que pouca gente sabe – e isso é de certo modo revelador – é que a capital do Grão-Pará configurou, ao longo de sua existência, um berço mítico-literário. E no contexto brasileiro isto toma contornos mais evidentes quando expressivos escritores da geração de 22 do Modernismo brasileiro elegeram Belém uma espécie de referência mítica da região norte. Não fora assim, como explicaríamos escritos como os de Mário de Andrade, de Raul Bopp, de Manuel Bandeira, que destinaram a Belém destacada importância temático-afetiva? A tradição referendada por estes intelectuais segue em frente, e

dizemos isso quando nos debruçamos sobre os vários e constantes tons que emergem dos textos de inúmeras personalidades que por aqui passaram/passam, construindo, ao longo de quase quatro séculos, uma malha textual *sui generis* na âmbito da cultura brasileira.

Belém, já sabemos, configura uma fascinante mesclagem: há a indígena-portuguesa; há a Belém cabocla, a brega e a francesa; há aquela que convive com "mosalcos" ingleses ou com perfis malaios; ou a que pulsa negritude. Há ainda a Belém flutuante, das palafitas. Devido a toda esse "caldeirão cultural", nossa cidade é *brasileiríssima*. E quem está a constatar esta originalidade não somos nós, privilegiados moradores da cidade, mas os escritores, estrangeiros, brasileiros (inclusive os no Pará nascidos), que captaram a cidade em suas obras e por ela se viram, dialeticamente, tatuados.

O projeto *Belém da Memória* pretende revolver as águas das chuvas da tarde e deixar registradas - na *flor d'água* - algumas destas emoções. Para isso, pretende-se fixar, em praças e ruas, cerca de 40 placas com alguns registros deste fascínio que a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará exerce sobre os artistas da palavra. Afora isso, em uma segunda fase, o projeto pretende estudar as *Velhas Senhoras*, casarões portugueses do fim dos XIX, da Cidade Velha, recuperando-lhes a história. Isto feito, desejamos influir, na autoestima dos cidadãos para que eles possam, cada vez mais, melhorar seu amor pela cidade. Assim, Mário de Andrade, Paes Loureiro, Max Martins, José Ildone, Manuel Bandeira, Age de Carvalho, Augusto Meira Filho, Bruno de Menezes, Eneida, Dalcídio, dentre outros, terão seus testemunhos fincados, enraizados, no chão da cidade.



## Max Martins

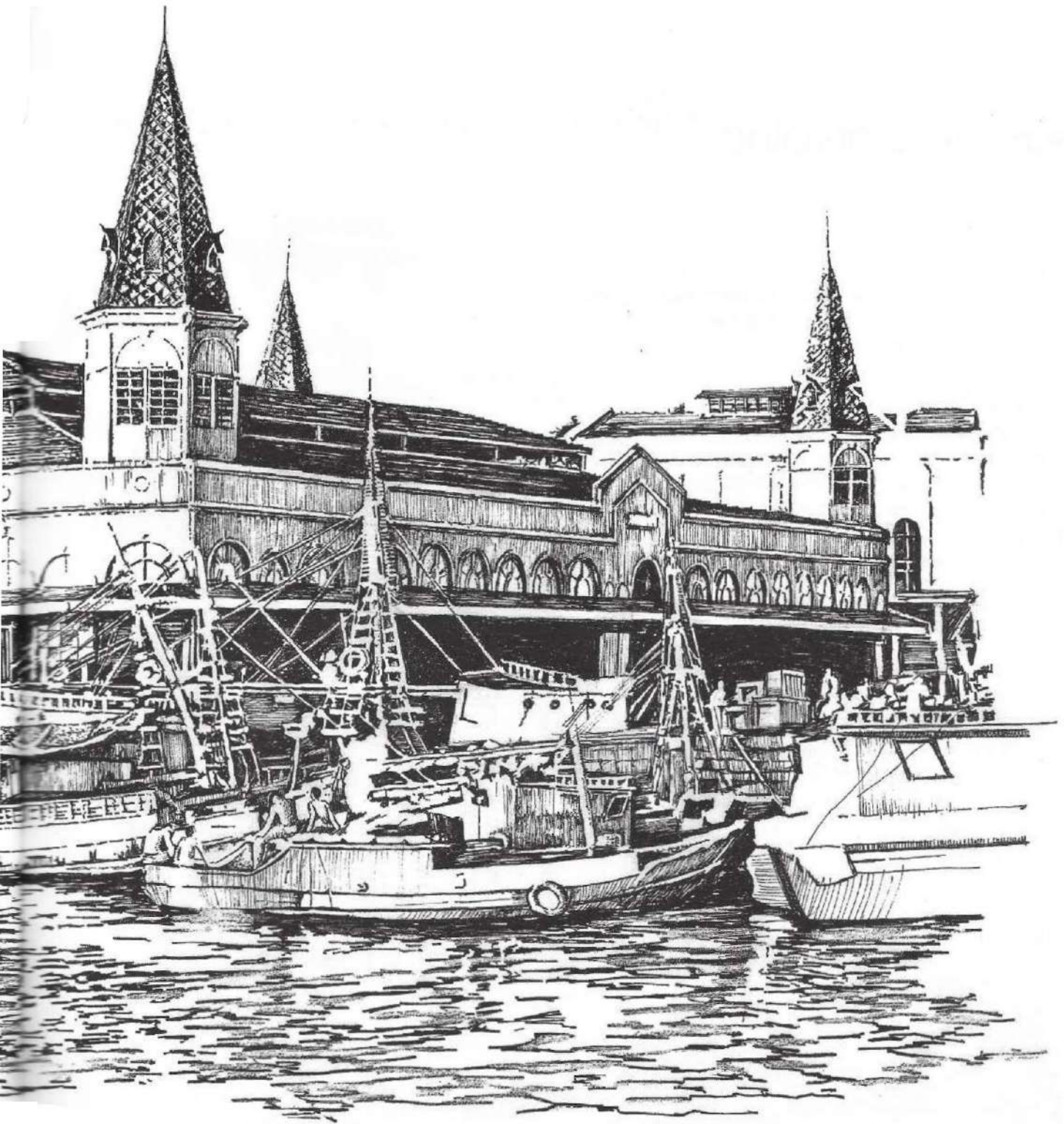


(Belém, 1927) é um dos mais expressivos poetas brasileiros contemporâneos. Dono de uma escrita lancinante, o poeta faz da palavra sabre e armadura, para enfrentar a vida. Paciente, insistente, feito um monge zenbudista, ele lapida o verbo, com a maestria reunida em mais de meio século de exercício poético.

Mestre de inúmeras gerações, ele influencia os destinos da atual poesia feita no Pará, Max, até bem pouco tempo, coordenava a Casa da Linguagem, oficinas de criação do governo do Estado. Pertencente ao seleto grupo de intelectuais da cepa de Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes e Mário Faustino, Max detém impressionante atividade literária, o que lhe rendeu a publicação de inúmeras obras, além dos volumes inéditos da correspondência com Age de Carvalho. Parte desta correspondência faz-se de *bricolage*, exercício artesanal, misto de imagens e palavras.

Max Martins conheceu certa popularidade quando seus textos foram indicados como leitura nos vestibulares das universidades de nosso Estado. Há textos seus publicados em alemão, francês e inglês.

Para melhor conhecer o poeta, ler: *Asas da Palavra* nº 11. UNAMA.



Doca do Ver-o-Peso, em frente ao Mercado de Ferro; Belém-Pará

## Ver-O-Peso

A canoa traz o homem  
 a canoa traz o peixe  
 a canoa tem um nome  
 no mercado deixa o peixe  
 no mercado encontra a fome

a balança pesa o peixe  
 a balança pesa o homem  
 a balança pesa a fome  
 a balança vende o homem

vende o nome  
 vende o peso  
 -  
 peso de ferro

- homem de  
 barro

.....

vende o peixe  
 vende a fome  
 vende e come  
 a fome  
 vem de longe  
 nas canoas  
 ver o peso

come o peixe  
 o peixe come  
 o homem?

pese o peixe  
 pese o homem  
 o peixe é preso  
 o homem está preso  
 presa da fome

ver o peixe  
 ver o homem  
 vera morte  
 vero peso.

# Age de Carvalho

## Os Quintais

Os quintais do mundo / não estão no mundo...  
(O Equador é uma linha enfiada na carne da cidade)  
...Carrego no corpo a medula da árvore  
- bicho de frutos. Batizo a cidade:

Santa Maria de Belém do Grão-Pará,  
eu te esquecerei na Praça da República,  
longe do Forte e dos canhões,  
sem teus ingleses dos alfarrábios da Biblioteca Pública,  
perto dos Correios e do funcionário,  
na esquina da Riachuelo,  
na 1.º de Março,  
na zona.

.....

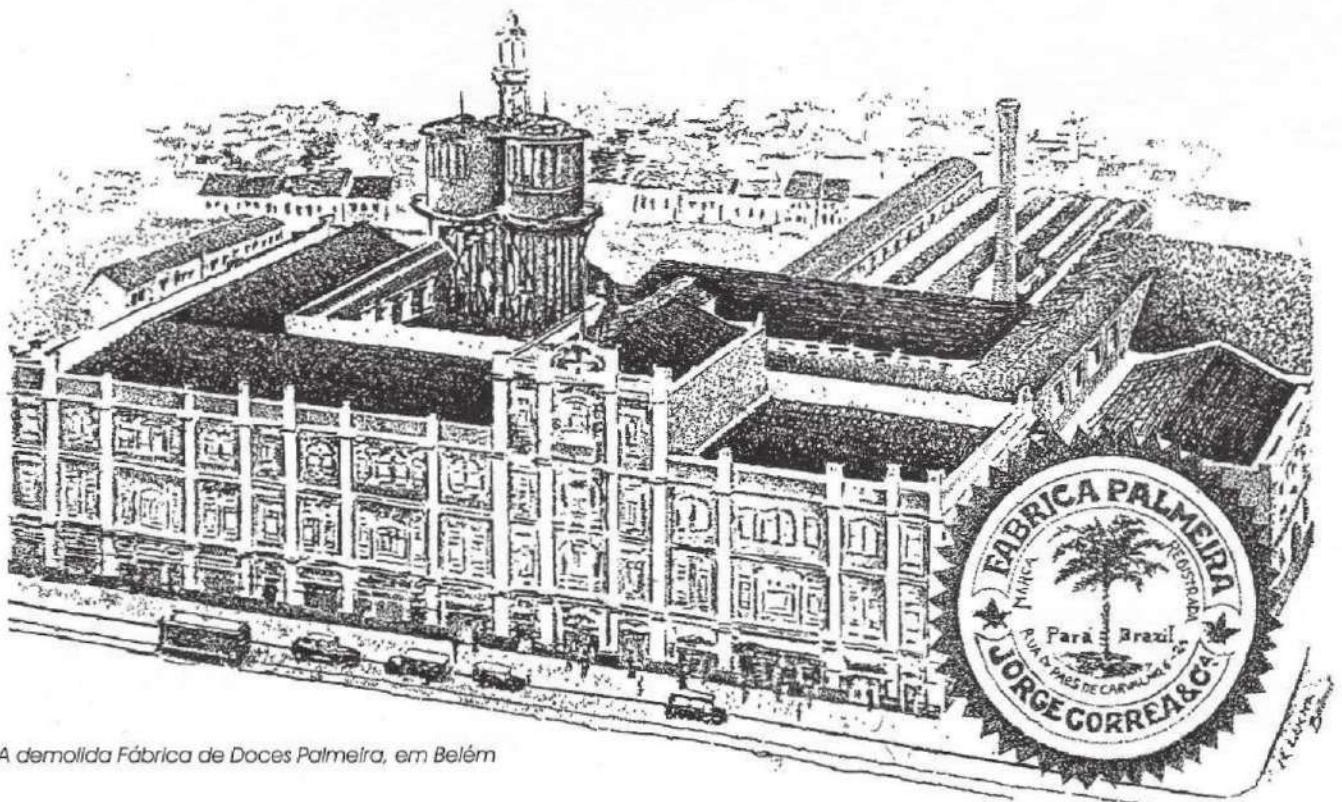
Vagarei pela inexistência da cidade,  
por sobre os telhados  
(nunca mais pelos da Palmeira,  
que recendiam a pão,  
e hoje resistem noutra tarde) da cidade,  
sobre a vida que transpira na pele da idade  
dos meus 20 anos  
de poeta,  
de aprendiz de arquiteto,  
menino de sonho  
e ossos no universo de um quintal do Norte...



Misto de poeta e *designer*, Age de Carvalho prima pela escrita vigorosa. Seus textos evitam a adjetivação e absorvem a herança da modernidade da poesia ocidental desde os franceses: Valéry, Baudelaire, Verlaine, até os poetas nacionais: João Cabral de Melo Neto e Max Martins. A parceria com este último rendeu-lhe muitos frutos, desde a renga *A Fala entre Parêntesis* (1982), livro escrito a quatro mãos, até inúmeros volumes inéditos de uma instigante correspondência, cifrada entre verbo e imagens.

Age exerce a profissão de projetista gráfico em Berlim, Alemanha, onde, entre outras, publica textos em português e alemão.

Age de Carvalho constitui-se uma referência à nova poesia brasileira de expressão amazônica.



A demolida Fábrica de Doces Palmeira, em Belém

# João de Jesus Paes Loureiro

Sobrados  
so brados  
sobra dos  
Sossobrados



Sobrado de azulejos, sede do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, na Cidade Velha.

Nasceu em Abaetetuba, Pará, em 1939. Advogado e Professor, formado em Letras pela U.F.Pa, divide seu tempo entre o magistério e o serviço público estadual, onde já atuou com Secretário de Cultura e de Educação. Hoje, dirige o Instituto de Artes do Pará. Autor de inúmeras obras, Loureiro, escreveu uma importantíssima trilogia amazônica composta de *Porantim* (1979), *Deslendario* (1981) e *Altar em Chamas* (1983). Este último livro o fez receber o prêmio "O Melhor de Poesia", da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1983. É de *Altar em Chamas*, livro temático sobre Belém, que extraímos o poema para o "Belém da Memória".





# Rodrigues Pinagé

## Hoje e Amanhã

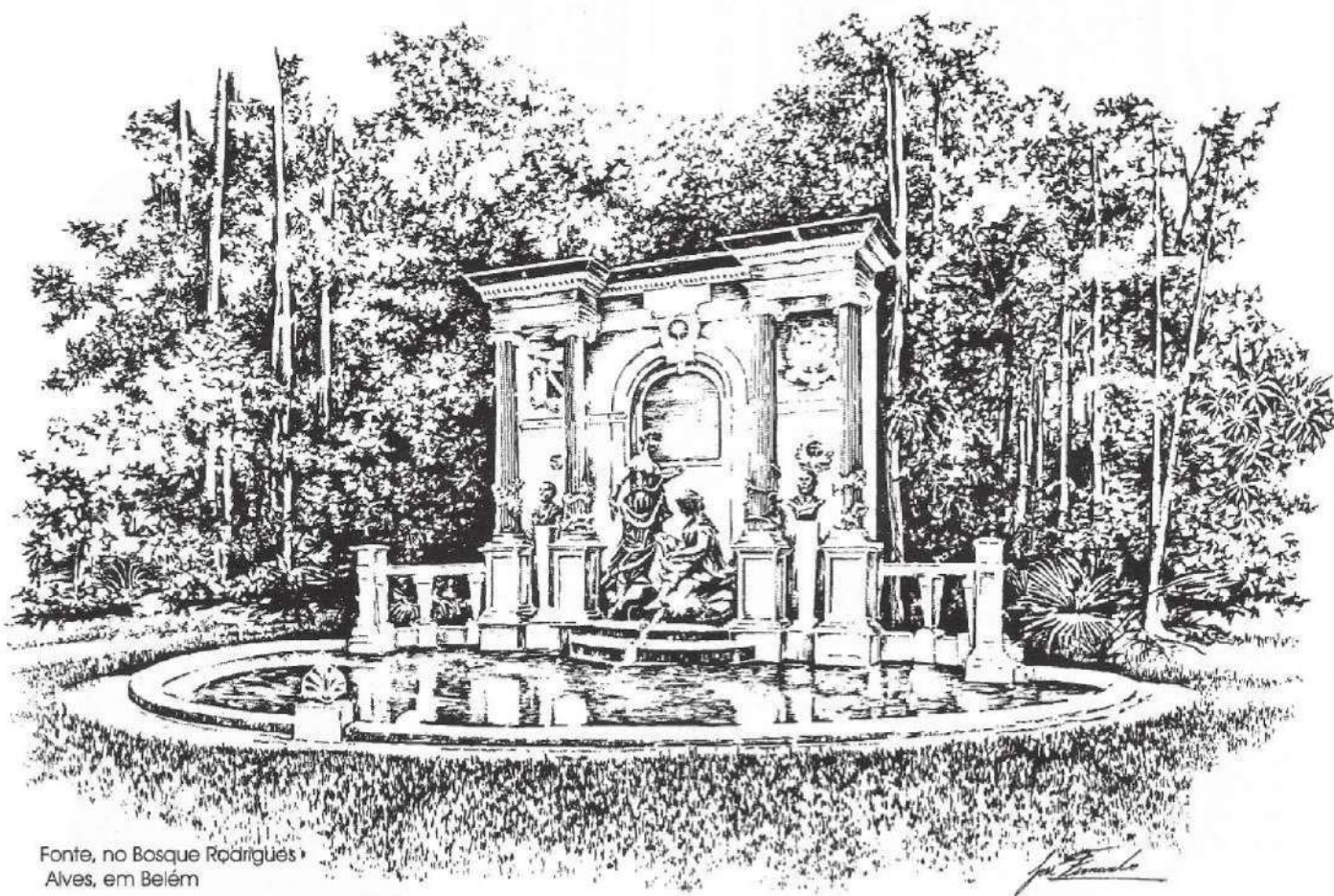
Abre o seio, Amazônia! Alarga a superfície!  
Deixa a Vitória Régia aromar a Planície  
E o Irapuru flautear a taba de Jaci!  
Deixa que se misture, entre a nossa família,  
A linguagem que o luso espalhou na Brasília,  
Escondendo da raça o valor de Tupi!

.....  
Todos nós temos na alma um trecho de romance,  
Bem feliz o que deixa, ao menos, de relance,  
A testificação das horas que viveu:  
Mesmo no sofrimento, é necessário o canto!  
Cantemos para que não lacere tanto,  
Todo o mal, pelo bem, que o destino nos deu!

.....  
Quando o século vier, completando a jornada,  
E encontrar-me, a dormir, na perpétua morada,  
Sem a lira nas mãos... ficarei a cantar!...  
Nas orações que te fiz, no silêncio das naves;  
Nos hinos que deixei, na garganta das aves;  
Nas canções que arranquei, das entranhas do mar!



Rodrigues Pinagé (Natal, 1895, Belém, 1973): jornalista, poeta, funcionário público, Pinagé ingressou na Academia Paraense de Letras em 1950. Em 1963, foi eleito o "Príncipe dos Poetas Paraenses". Diz-se que o escritor tinha extraordinária memória, daí declamar, em rodas intelectuais, poemas seus e de autores das literaturas brasileira e universal. Pinagé foi poeta que não se acimatou ao Modernismo, continuou fazendo poesia à antiga. Fala-se de seus poemas sarcásticos e satíricos, em que ele "porfiava" com os amigos, entre eles, Bruno de Menezes.



Fonte, no Bosque Rodrigues Alves, em Belém

# Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade (1893/1945) é paulistano. Um dos mais fascinantes intelectuais brasileiros do século XX, misto de músico, crítico de arte, desenhista, folclorista, poeta, romancista. Enquanto viveu, capitalizou o Modernismo em torno de si. Intelectual inovador, Mário repulsa qualquer forma de etnocentrismo quando resolve deixar de lado todo o comodismo e conhecer, *in loco*, o Brasil desconhecido da maioria dos brasileiros. Em 1927, empreende viagem de *turismo-aprendizagem* ao Norte do Brasil, chegando até o Peru, via rio Amazonas.

O poeta-artequim, ao chegar aqui, manifesta seu *sarapantamento* diante da cidade, a ponto de podermos dizer que ele tem com Belém um caso de amor extra- conjugal (ele que era amantíssimo da São Paulo querida): "Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra..." são as afirmações dele, feitas a Manuel Bandeira, que bem resumem todo esse encantamento. Certa vez, agora em carta a Paulo Duarte, ele escreveu: "Depois de Belém do Pará, a cidade que mais amo é Florença. São Paulo... é outra coisa, não é amor exatamente, é identificação absoluta, sou eu".



## Trecho da carta escrita a Manuel Bandeira durante a histórica viagem à Amazônia, em 1927

*Por esse mundo de águas, junho, 27*

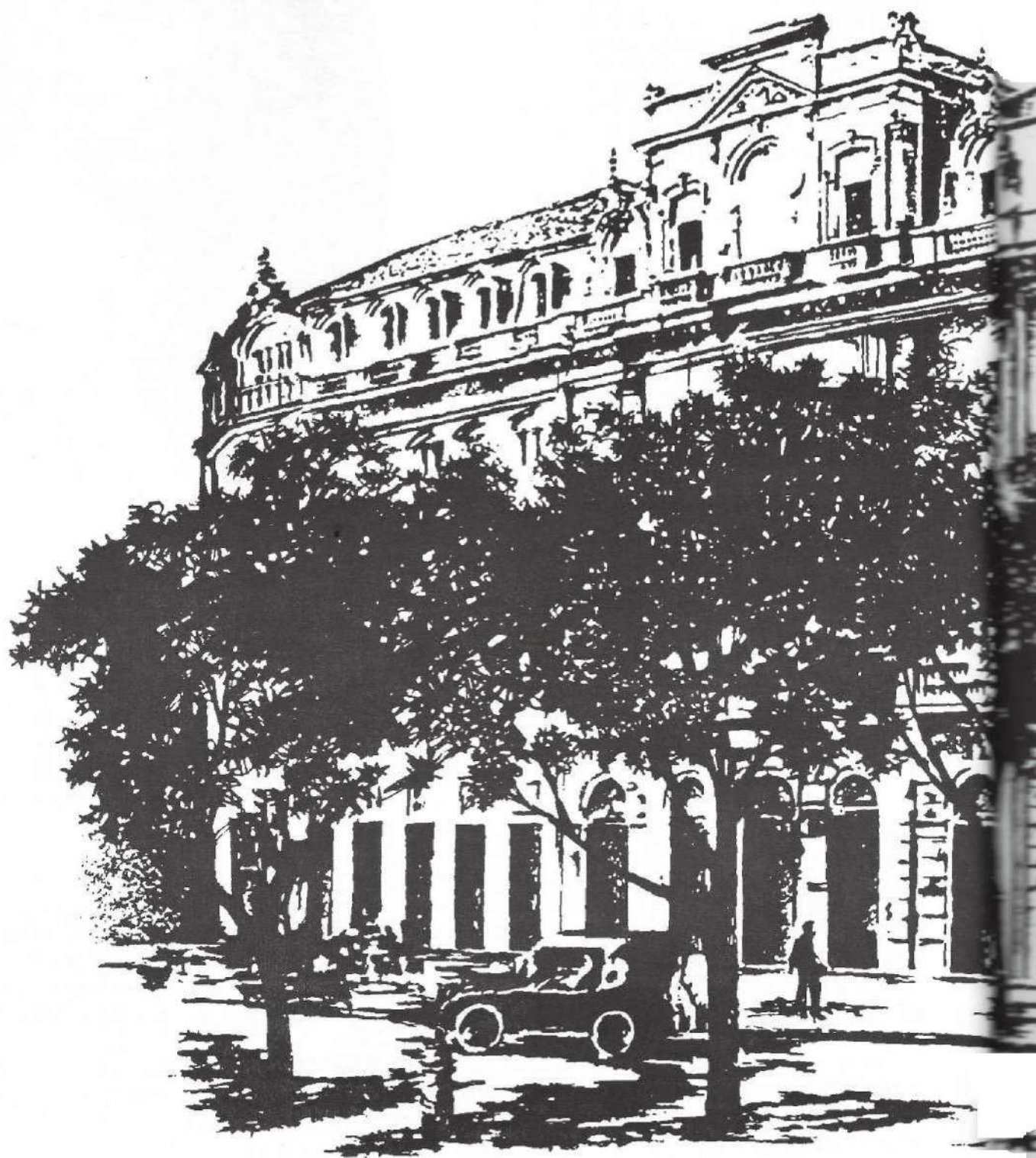
*Manu,*

*Estamos numa paradinha pra cortar canarana da margem pros bois de nossos jantares. Amanhã se chega em Manaus e não sei que mais coisas bonitas enxergarei por este mundo de águas. Porém me conquistar mesmo a ponto de ficar doendo no desejo, só Belém me conquistou assim. Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no Grande Hotel de Belém. O direito de sentar naquela terrace em frente das mangueiras tapando o teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí. Você que conhece mundo, conhece coisa melhor do que isso, Manu?{...}*

*Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. Não tenho medo de parecer anormal pra você, por isso que conto esta confissão esquisita mas verdadeira que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim...*

*Um abraço do Mário.*

O Grande Hotel de Belém, no início do Século XX.  
Demolido na década de 70.





*John W. Conroy*

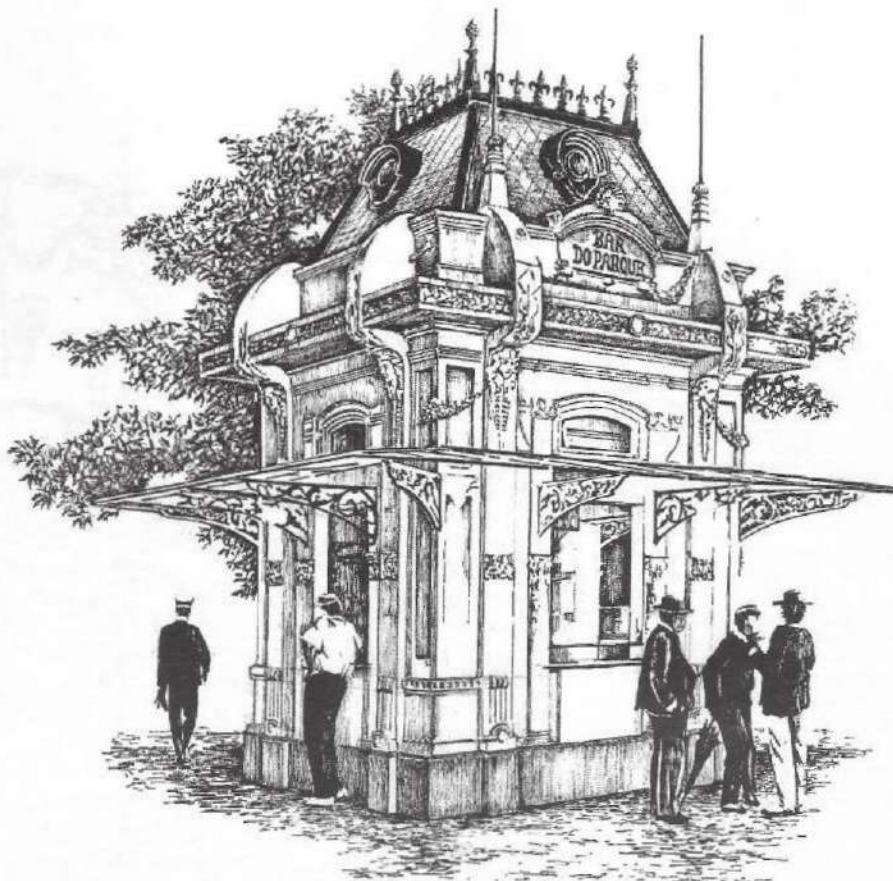
# Paulo André e Ruy Barata

Ruy Barata (1920/ 1990) e Paulo André Barata

Pai e filho, em parceria, conjugaram palavras e sons que seguem a linha das águas desse "país que se chama Pará". Sobre a dupla, disse, certa vez, Paulo César Pinheiro: "Paulo André é Pindorama, Ruy Barata é Pau-Brasil. Pai e filho se completam da nascente à foz do Paranatinga no cancionero das águas".

Ruy, o pai, nasceu às margens do Tapajós, em Santarém, cidade que se fez catraia e ancorou nos rios interiores do poeta, afinal, Ruy é Paranatinga, é rio branco, ainda que toldado pelas águas pardacentas do rio Amazonas.

Paulo, o filho, veio à luz em Belém, terra de seus acordes, lugar onde a dupla elaborou canções que projetaram o Pará e a Amazônia pelo mundo afora.



O Bar do Parque, em Belém, fica na calçada ao lado do Teatro da Paz. Foi o ponto de encontro de intelectuais, entre eles, Ruy Barata.



## Tronco Submerso

Tudo que eu amei estava aqui  
Do chão batido à cuia de açaí  
Por isso não cantei Copacabana  
Ainda que ela fosse tão bacana  
No brilho dos postais que eu recebi

Tudo que eu amei estava aqui  
Da mão de milho ao pé de miriti  
E assim não falei da Torre Eiffel  
Dos perfumes de Chanel  
Nem no céu azul do Tennessee

Desculpe meu irmão meu canto agreste  
Nutrido do jambu que não quiseste  
Manchado do tijuco e de capim  
Perdoa por favor meu pobre verso  
Um tosco tronco submerso  
No rio sem nome que se vai de mim

# Antônio Juraci Siqueira

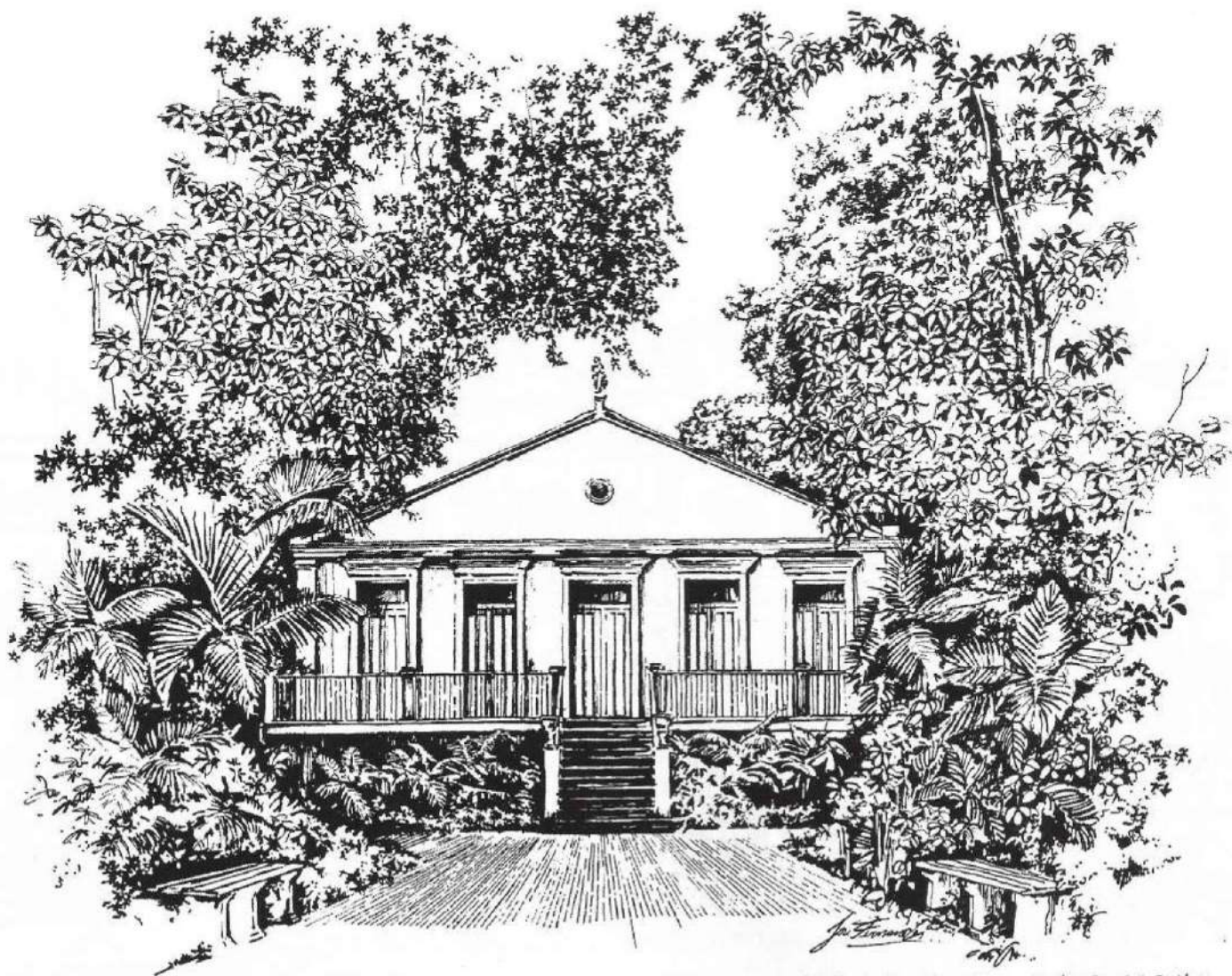


Juraci Siqueira, carinhosamente, Totó. Trovador exímio, premiado em mais de cem concursos nacionais de trova, Juraci é nosso poeta popular mais atuante; certa vez ele nos confessou: "eu penso em sete sílabas", afirmativa que justifica sua habilidade com a métrica, com a palavra escrita.

Nascido em Cajary, interior do Pará, Antônio Juraci é formado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; integrante da União Brasileira de Trovadores, seção Pará, ele contribui decisivamente organizando os Concursos Nacionais de Trova e coordenando as publicações resultantes deste concurso. Juraci, "agitador cultural", integra a Sociedade Paraense de Poetas Vivos e a Malta de Poetas. Há inúmeros trabalhos do escritor sobre a cidade de Belém, sobretudo trovas, ou melhor, "totrovas". Hoje, Totó ministra oficinas de literatura nas escolas da rede pública municipal de Belém e colabora com a revista P&P.

## Mangueira

Enquanto o vento balança  
Tua rama, satisfeito,  
Sinto o verde da esperança  
Desabrochar no meu peito!



Prédio da Rocinha - Museu Emílio Goeldi, Belém

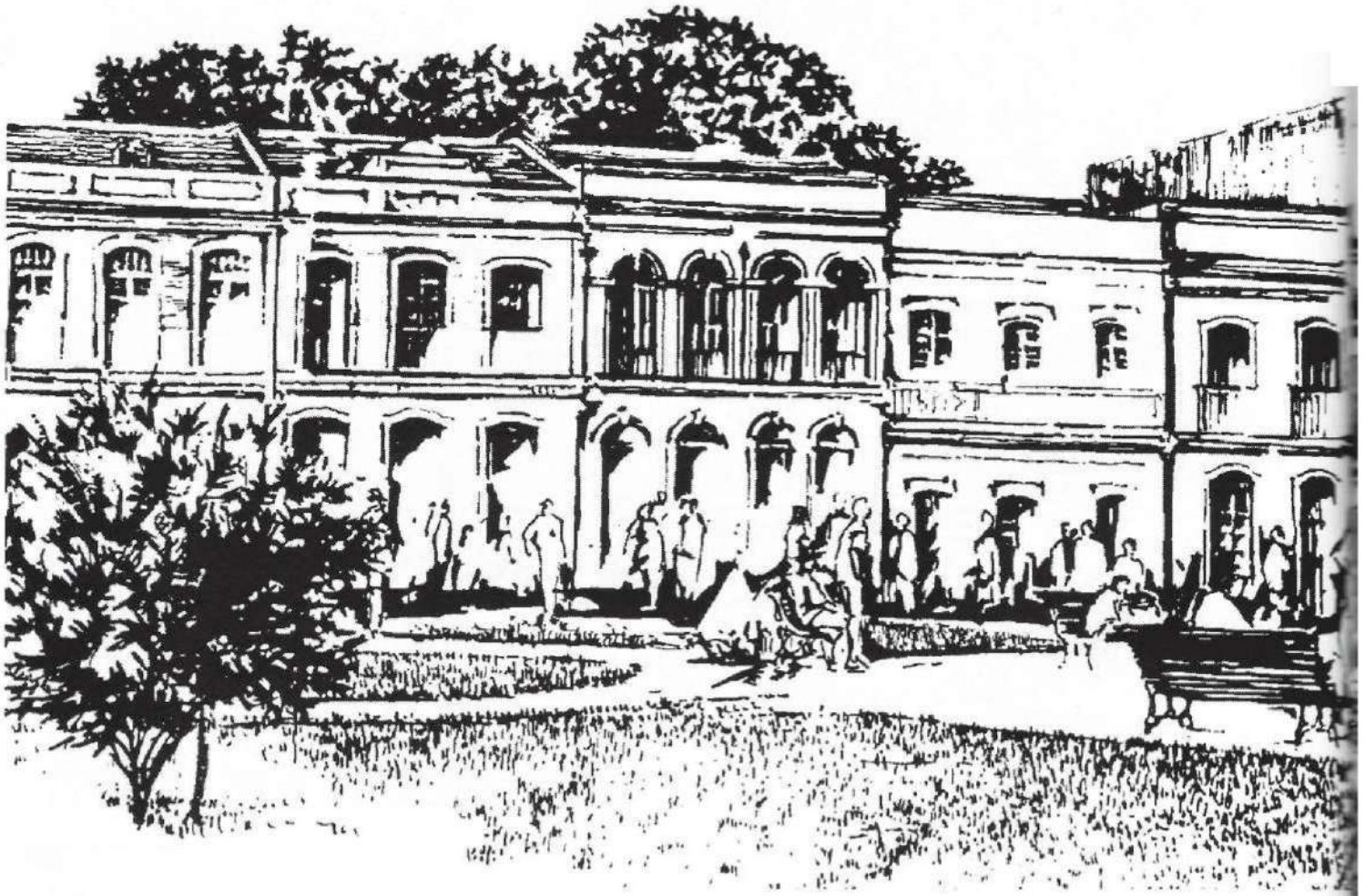


## Manuel Bandeira

Nasceu no Recife (19 de abril de 1886) e morreu no Rio de Janeiro (13 de outubro de 1968). Iniciou sua trajetória como parnasiano-simbolista e aderiu oficialmente ao Modernismo quando o seu poema *Os Sapos* foi lido numa das noites da histórica Semana de 22, no Teatro Municipal de São Paulo.

Cronista, crítico de arte e poeta, Manuel Bandeira aproxima-se do Modernismo através do amigo Mário de Andrade. Tanto ele como o poeta paulistano demonstram um fabuloso afeto por nossa terra. Não somente Belém, mas o Pará, vez em quando, surgem como recorrências na literatura deste pernambucano. Há uma quadrinha de sua autoria que nos é bastante ilustrativa: "Atirei um céu aberto/ Na janela de meu bem;/ Caí na Lapa um deserto... Pará, capital Belém!..." É de Bandeira o antológico poema *Belém do Pará*, que hoje constitui-se um hino extra-oficial da cidade.

Praça do Relógio, no centro de Belém



## Belém do Pará

.....  
BEMBELELÉM!

Viva Belém!

Cidade pomar

(Obrigou a polícia a classificar um tipo  
novo de delinqüente  
o apedrejador de mangueiras)

.....  
Bembelelém

Viva Belém

Nortista gostosa

Eu te quero bem.

.....  
Me obrigará a novas saudades

Nunca me esquecerei do teu Largo da Sé

Com a fé maciça das duas maravilhosas  
igrejas barrocas

E o renque ajoelhado de sobradinhos  
coloniais tão bonitinhos

Nunca mais me esquecerei

Das velas encarnadas/Verdes/Azuis

Da doca do Ver-o-Peso

Nunca mais

E foi pra me consolar mais tarde

Que inventei esta cantiga:

Bembelelém

Viva Belém!

Nortista gostosa

Eu te quero bem.







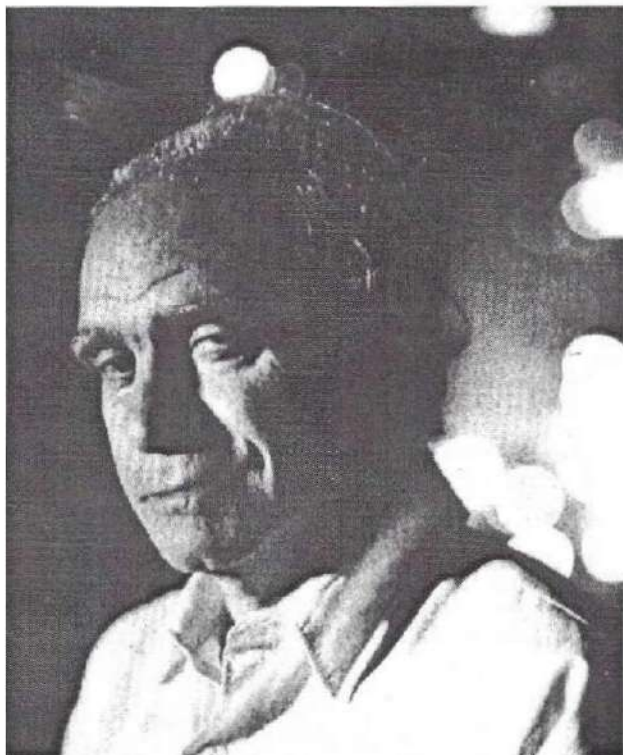
Túnel de mangueiras, nas ruas de Belém.

.....  
Estávamos em Belém para um série de palestras na Amazônia. Como turistas aprendizes. Bebíamos a liquidez da cidade, absorvíamos a sua lubricidade solar. Lugar avassalador, imponente, estranho, sedutor, quente, incoerente (...) O que importa quando se caminha empapado de suor, envolvido por odores rascantes, atraídos por nomes? Andando entre túneis de mangueiras, sendo algumas velhas e carcomidas, não sabemos quanto tempo ainda resistirão.

Entrar em Belém é um mistério. É o se deixar penetrar, aderir ou não, participar. O princípio é sufocante, nos falta o ar, o mal estar é orgânico, combatido por um fascínio que acaba vencendo (...) E se nas grandes cidades nos sentimos esmagados pelos arranha-céus, nesta aqui percebemos a garra da natureza, o seu domínio que não é somente físico mas sobrenatural. Natureza que influencia as pessoas, determina atitudes, meio de vida, comportamento, loucuras e genialidades (...) porque Belém convida a se abandonar: nenhum limite ao sonho, convite permanente à invenção (...)

Santa Maria de Belém do Grão Pará. Local de todos os mitos, onde as lendas se encontram, as histórias se cruzam...

( trecho de Crônica quase concreta - Ignácio de Loyola Brandão)



## Ignácio de Loyola Brandão

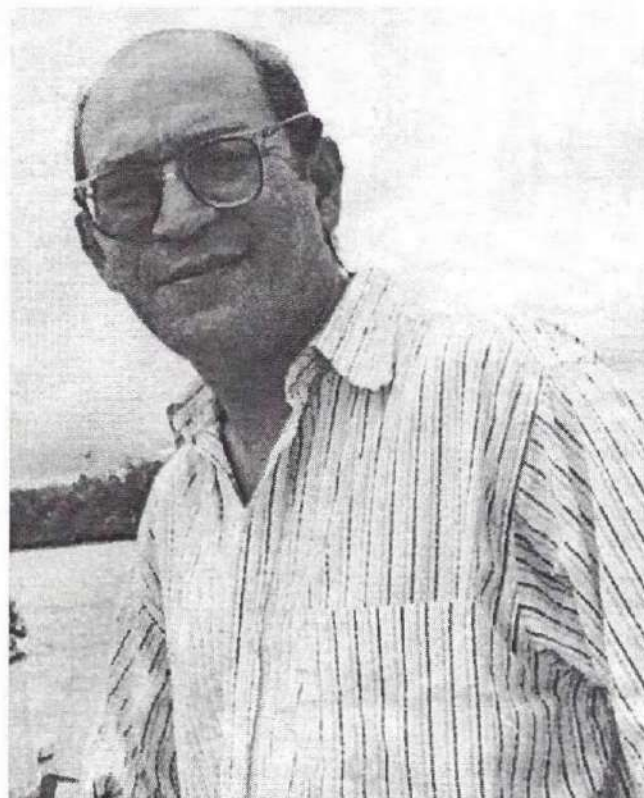
Nasceu em 1936, Araraquara, São Paulo. Cedo, iniciou-se no mundo das reportagens. Até hoje, pode-se dizer, seus textos transpiram linguagem e situações realistas, que sofrem influência do mundo jornalístico. Loyola já trabalhou em *A Última Hora*, revistas *Ciáudia*, *Realidade*, *Planeta*, entre outras. Atualmente, dirige a revista *Vouge* e escreve crônicas dominicais em *O Estado de S. Paulo*.

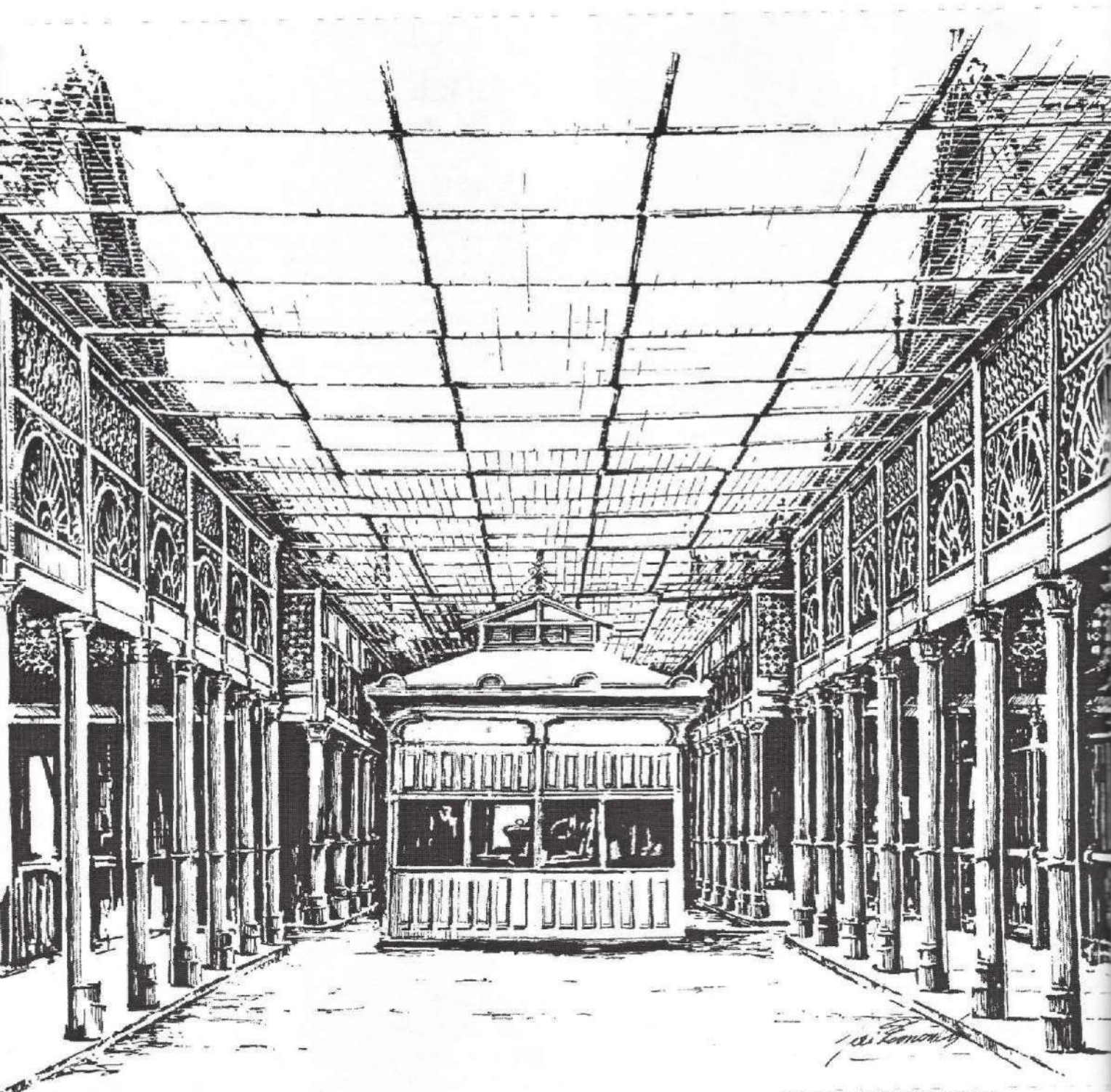
Para Loyola, a vida não teria o menor significado sem o exercício da escrita. Diz-nos ele: "o ato de escrever é prazer, é diversão. É sensação de poder, de domínio (...). Escrever é meu modo de gritar contra as dores do mundo, o sofrimento da condição humana é o meu depoimento sobre a minha época (...). Escrever é uma forma de tentar conquistar o amor das pessoas".

Dentre os inúmeros livros publicados, pode-se destacar de Loyola Brandão: *Veia Bailarina* e *Sonhando com o Demônio*.

## José Ildone

Vigia, Pará, 1942. Poeta, dramaturgo, jornalista, político, Ildone é formado em Letras pela U.F.Pa. Dirigiu a centenária Sociedade Literária e Beneficente "Cinco de Agosto", da Vigia, cidade histórica do interior paraense. José Ildone integra a Academia Paraense de Letras e foi designado para compor o grupo de autores da *Introdução à Literatura no Pará*, editada pelo silogeu. É de sua autoria o poema *Trova*, na página a seguir.





Balança do Mercado Bolonha,  
antigo Mercado Municipal, todo  
construído em ferro, em Belém.

## Trova

Se me mandassem pesar  
o peso que a vida tem,  
eu passaria minha vida  
a ver o peso em Belém.

# Bruno de Menezes



Igreja do Carmo. Cidade Velha. Belém

## Belém e o seu Poema

.....

Agora

vamos entrar na sala do Mundo Verde.  
Faz de conta que chegamos  
à Cidade do Sol e da Chuva,  
cercada de águas crioulas e corredeiras  
coberta de árvores gordas de sombra espessa.

Não me perguntem como foi que ela cresceu  
sem ficar serviçal do rio,  
nascendo do tijuco guloso  
- cama dos amores da Cobra Grande...

Já se sabe da empreitada do luso Castelo Branco,  
fazendo a indiada e a soldadesca  
levantarem o Forte do Presépio, com licença da boiúna,  
devido à força da enchente e a correnteza das marés

.....  
Foram-se os caminhos da primitiva cidade,  
pois viraram outras Ruas e Travessas,  
Avenidas e Parques Públicos,  
avançando para a terra firme,  
com nomes de vultos importantes.  
Mais tarde, não respeitaram a velha Pracinha do Carmo,  
que ajardinaram geometricamente,  
nem a capela, desaparecida, de construção dos escravos

.....

Nasceu em Belém, 1893, e faleceu em Manaus, 1963, Misto de poeta, romancista, sindicalista e folclorista, Bruno de Menezes tem origem humilde. Autodidata, ele superou todas as dificuldades econômicas e construiu uma imagem intelectual que, de certo modo, acaba confundindo-se com a Belém dos anos 30, 40, 50 e 60

Apontado por parte da crítica como o iniciador do Modernismo no Pará, a partir da publicação de *Ballado Lunar* (1924), Bruno capitaneou alguns grupos de intelectuais e é recordista de publicações da obra *Batuque*, que se encontra já na 7.ª edição. A obra completa de Bruno foi publicada pela SECULT-PA, o que propiciou a premiação do conjunto com o prêmio Jabuti de qualidade editorial, em 1993

Para conhecer mais sobre a Belém de Bruno, ler: *São Benedito da Praia*, *Boi-Bumbá* (ensaios), *Candunga* (romance), *Batuque* (poesia).



# Dalcídio Jurandir



## Gula da Cidade

.....  
No bonde, Alfredo recolheu-se, sem mais aquela sensação de que o elétrico, com sua velocidade e rumor, quebrava a vidraça das janelas, impressão esta que levara de Belém quando pixote e sempre recordada em Cachoeira.

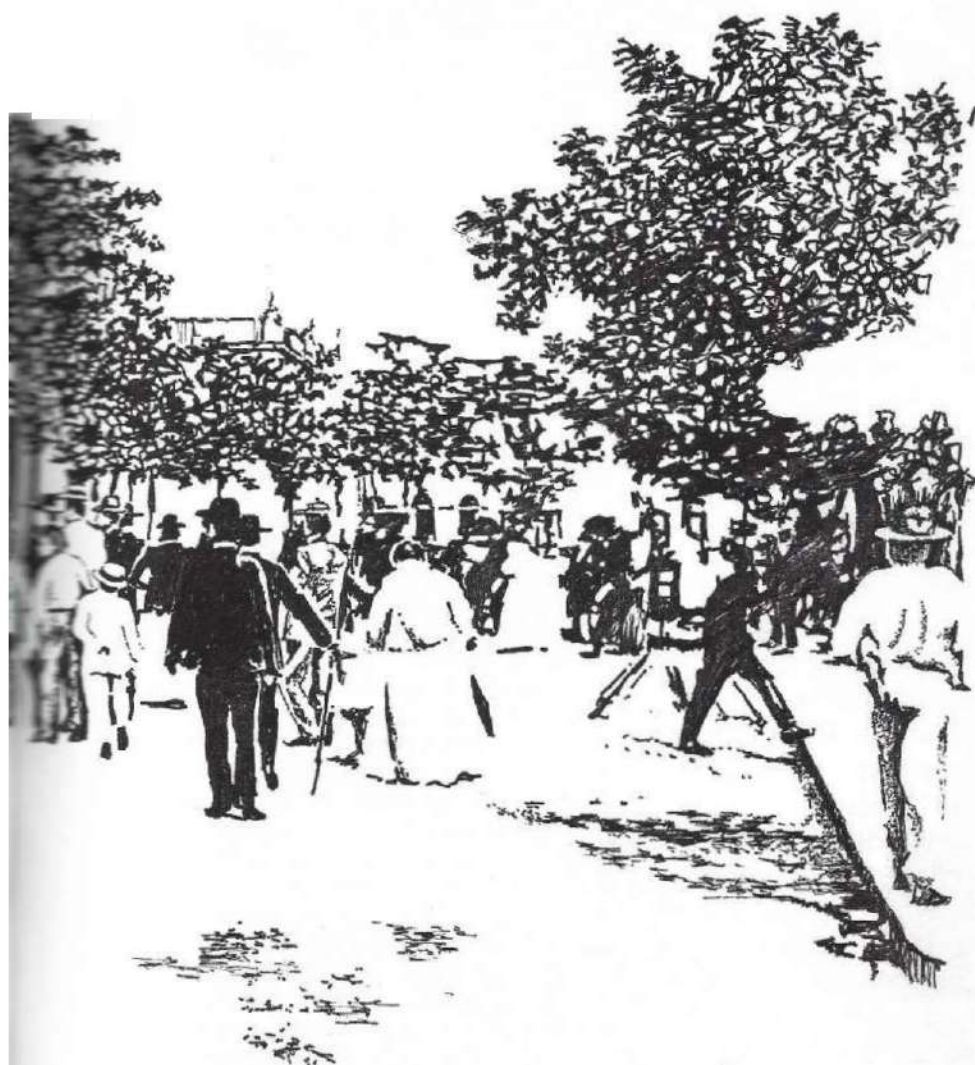
Até que o bonde ia vagaroso.

E meio sujo, seus passageiros afundavam-se num silêncio e apatia indefiníveis. Pareciam fartos de Belém enquanto o menino seguia com uma crescente gula da cidade. O bonde, cuspidando e engolindo gente, mergulhava nas saborosas entranhas de Belém, macias de mangueiras (...)

Passaram pelo Largo de Nazaré, a Basílica em tijolos ainda, a antiga igreja ao lado. Cobrindo o Largo, mais monumentais que a Basílica, as velhas sumaumeiras. À esquina da Gentil com a Generalíssimo, saltaram.

A cidade balançava aérea. Ou estavam tontos com os cheiros de Belém?

.....



Os bondes de Belém, no início do Século XX.

Nascido em Ponta de Pedras, Pará (1909/ 1979), Dalcídio criou-se em Cachoeira do Arari, duas pontas do imenso mundo marajoara. Com o propósito de aprimorar-se nos estudos, foi mandado para Belém, onde estudou no grupo escolar Barão do Rio Branco e no ginásio Paes de Carvalho. Mais tarde, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde faz carreira literária e engaja-se à ideologia socialista.

Dalcídio é um dos mais vigorosos romancistas brasileiros da contemporaneidade. De 1929 a 1978, ele construiu uma sólida obra contextual, que tem como cenário, a Amazônia do Marajó, de Belém e do Baixo Amazonas. A este ciclo de romances ele denominou de *Ciclo do Extremo Norte*.

Dono de uma sintaxe fascinante, ele, quando lhe é interessante, constrói uma escrita encharcada, que remete-nos, de pronto, à liquidez amazônica. Dalcídio, em seus romances, lê com olhar original a Belém urbana e suburbana.

Para "ver" a Belém de Dalcídio, ler: *Ponte do Galo: Belém do Grão Pará*, *Chão dos Lobos*, *Passagem dos Inocentes*, entre outros romances.

Para conhecer melhor Dalcídio, ler: revista *Asas da Palavra*: Dalcídio Jurandir, Unama, Belém, 1996.



Largo de Nazaré, Belém.  
Início do século XX.

## Eneida

### Banho de Cheiro

.....  
No meu tempo de menina, com a borracha alta, as elegantes de Belém mandavam buscar na Europa vestidos especiais para as noites da festa de Nazaré. E desfilavam no Largo, como em passarelas.

São Jerônimo, Dr. Moraes, só em Belém Deodoro é generalíssimo (o exagero amazônico); ruas de minha intimidade, as casas coloniais altas, com azulejos tão belos, pesadas, cheias de janelas, sacadas de ferro trabalhadas, todas falando da Belém colonial. E as mangueiras encarregando-se de dar sombra, faceiras sempre, tão faceiras que adoravam a chegada de outubro, quando a Prefeitura manda pintar de branco seus troncos. Sempre desejaram ser bailarinas as nossas mangueiras(...)

Tudo nesta cidade onde nasci é parte poderosa, eloqüente na minha vida. Paisagens, personagens, ocorrências (...)

Que importam os limites do Estado do Pará se para mim, ao norte, sul, leste, oeste, ele é todo limitado pelo meu grande amor?

Em 1904, em um palacete, hoje demolido, situado à trav. Benjamim Constant, em Belém, nasceu Eneida. Anos mais tarde, fixou residência no Rio de Janeiro, onde criou o famoso Baile do Pierrô. Mas seu berço natal foi, quase sempre, o *leit motiv* de suas crônicas. Tanto em *Banho de Cheiro*, como em *Aruanda* e em *O Cão da Madrugada*, ela se debruçou nas janelas da capital do Grão Pará e deixou que seus olhos ziguezagueassem pelos estirões da memória, donde brotaram as imagens do tempo-foi, que recolheu em palavras de saudade. Mas ela não se deteve apenas na saudade, mirou o presente e nele viu e denunciou muitas mazelas que desfiguravam a face da bem-amada cidade e de seus habitantes.

Do tear de nossa Penélope, a denúncia social é o matiz que estampa o tecido de sua estrutura marcadamente lírica. Nessa tessitura, está uma das mais fortes declarações de amor à Santa Maria de Belém do Grão Pará.





# Waldemar Henrique e Antônio Tavernard

## Foi Boto, Sinhá

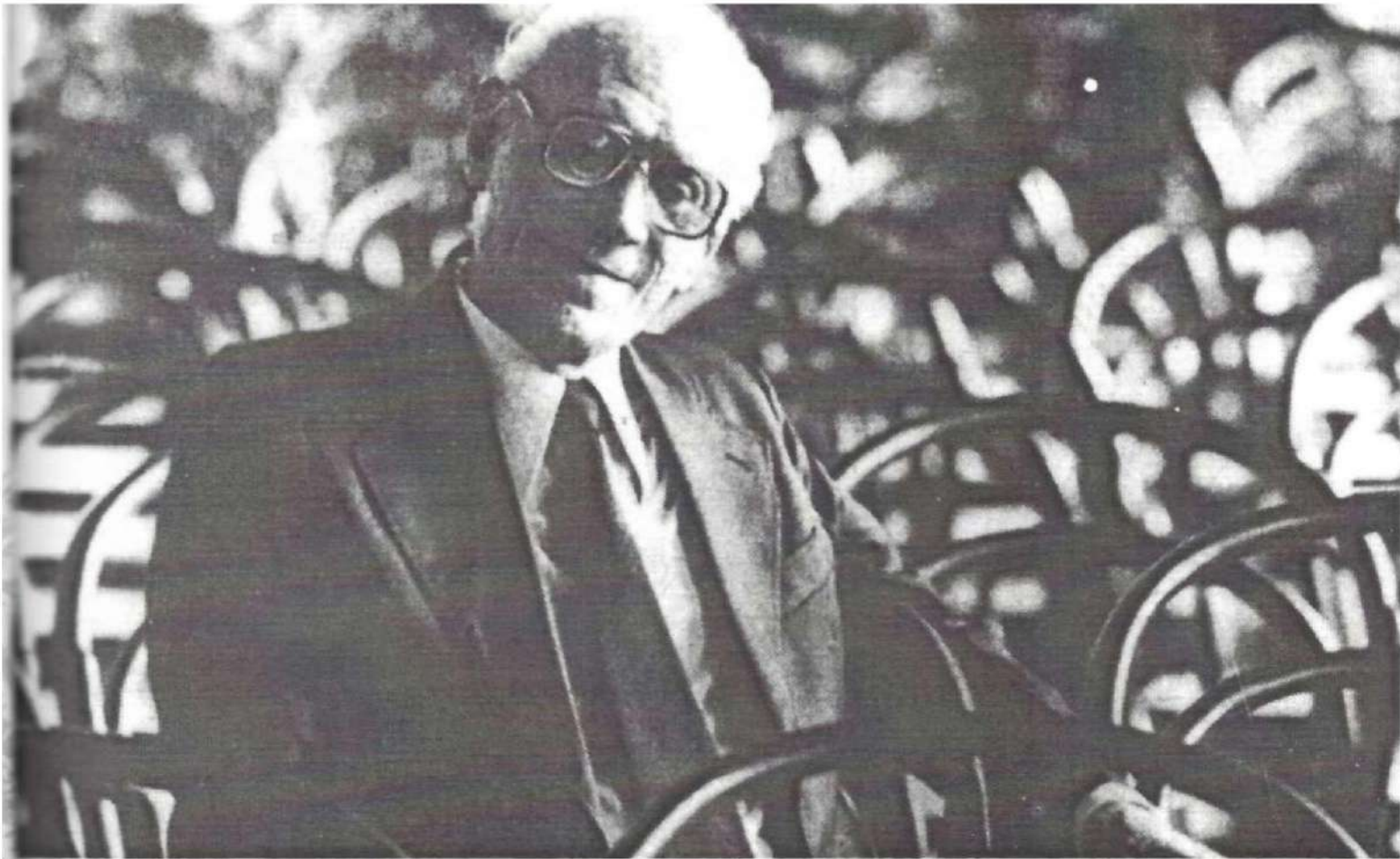
Tajá-Panema chorou no terreiro  
E a virgem morena fugiu no costeiro  
Foi boto, sinhá  
Foi boto, sinhô  
Que veio tentá  
E a moça levou  
No tar dançará  
Aquele doutô  
Foi boto, sinhá  
Foi boto, sinhô!...

Tajá-panema se pôs a chorá  
Quem tem filha moça é bom vigiá!...

O boto não dorme  
No fundo do rio  
Seu dom é enorme,  
Quem quer que o viu  
Que diga que informe  
Se lhe resistiu  
O boto não dorme  
No fundo do rio...



*Antônio Tavernard*



Luiz Braga

Waldemar Henrique (Belém, 1905/ 1995) é o mais importante músico paraense deste século. Alcança notoriedade atuando nas rádios Roquete Pinto, Nacional, Tupi, entre outras. Ao lado de sua irmã e mais requisitada intérprete, Mara, Waldemar excursiona pela Europa, Estados Unidos e pela América Latina. Quando de sua estada em São Paulo, torna-se amigo de Mário de Andrade. Foi também amigo de Villa Lobos; as duas amizades fizeram-no voltar-se cada vez mais aos temas da cultura amazônica. Waldemar Henrique foi um dos mais criativos compositores do Modernismo brasileiro; atuou em cinema, teatro, e teve suas composições registradas em disco por cantores populares e eruditos. "Foi boto, Sinhá", que o Belém da Memória selecionou, é uma das mais populares parcerias com o poeta Antônio Tavernard.

Antônio Tavernard (Belém, 1908/ 1936): nascido na antiga vila de Pinheiro, hoje Icoaraci, Tavernard foi jornalista, poeta, dramaturgo e funcionário público. Em 1926, ingressa na Faculdade de Direito do Pará, porém falece antes de concluí-lo..

A principal atividade cultural de Tavenard parece ter sido, na década de 20, ligada à revista *A Semana*, que reuniu trabalhos de diversos intelectuais paraenses. Afora isso, foi bastante rica sua parceria com o maestro Waldemar Henrique, sobretudo no que diz respeito às composições que refletem a cultura amazônica.



# Peregrino Júnior



## Carimbó

O atabaque no batuque bate boca  
Qui-tim-bum... qui-tim-bum...  
Os negros dançam, o corpo mole, batendo os pés no chão duro  
Qui-tim-bum... qui-tim-bum...  
Tronco cavado, couro esticado, bem retesado

.....  
o tocador, com as mãos abertas, marca o compasso  
.....

No ritmo do carimbó dançando a dança negra os negros velhos  
Recordam as senzalas tristes  
Ouvem o grito longínquo da África, o grito dos que ficaram  
Lá longe chorando e dos que partiram humilhados

.....  
A melancolia sem revolta das levas mansas do porão do negreiro  
E ouvem o eito dos escravos no trabalho  
E o grito forte do chicote do feitor zebrando de riscas o lombo  
envernizado de suor

Qui-tim-bum...  
Ouvem tudo... a fuga... o chuí das águas do Trombetas...  
a voz de libertação dos quilombos de Óbidos  
Qui-tim-bum... Qui-tim-bum...  
E o carimbó cantando geme soturno na noite negra no  
compasso grave do bate-boca do batuque  
Qui-tim-bum... Qui-tim-bum...

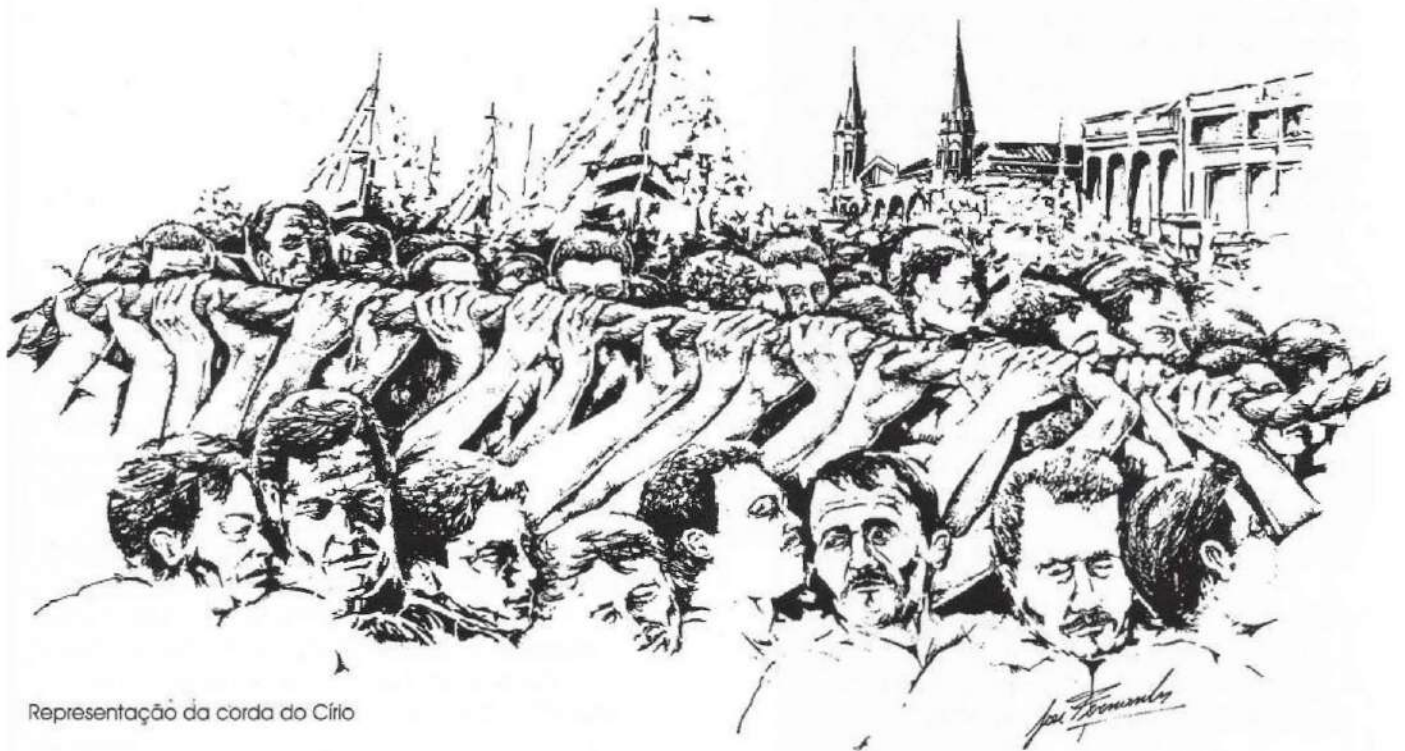
Peregrino Júnior nasceu em Natal, RN, (1898) e morreu no Rio de Janeiro. Residiu cinco anos em Belém, onde trabalhou na imprensa. Aqui, foi aluno do colégio Paes de Carvalho, no mesmo banco onde estudaram Eneida e Osvaldo Orico. Na capital do Pará, trabalhou nas revistas *A Semana* e *Guajarina*, órgãos difusores das idéias modernas entre os paraenses. Peregrino Júnior estudou o primeiro ano de Medicina na Faculdade de Medicina do Pará, entretanto concluiu seus estudos no Rio de Janeiro.

No Rio, foi eleito à Academia Brasileira de Letras. É autor de significativa obra médica, mas celebrou-se, sobretudo, devido à publicação de *Puçanga*, *Matupá* e *Histórias da Amazônia*. O poema "Carimbó" é uma de suas raras incursões pela poesia.



Feira do Açaí. Belém

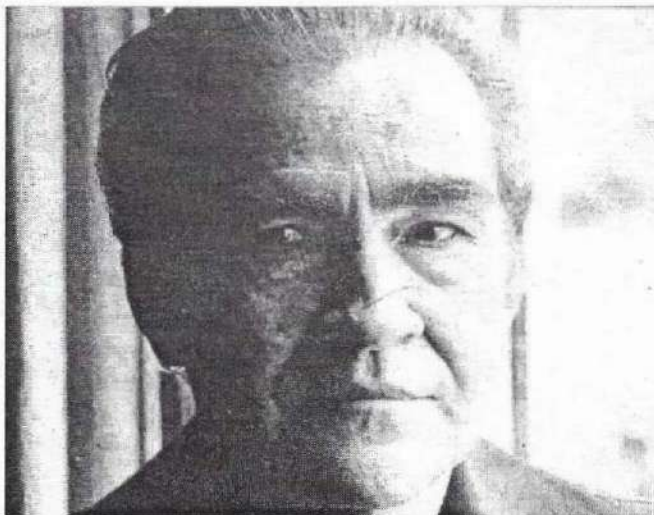
# Benedicto Monteiro



Representação da corda do Círio

Benedicto Wilfredo Monteiro (Alenquer, PA, 1924). Formado em Direito pela U.F.Pa., é jornalista atuante; já exerceu, inúmeras vezes, cargos políticos: secretário de Estado e deputado federal, entre outros. Mas sua atuação decisiva parece se dar através da militância literária, de fundo regional e tema universal. Bené é autor da fundamental tetralogia do romance amazônico: *Verde Vagomundo*, *Minossauro*, *A Terceira Margem* e *Aquele Urm*. Devido a este conjunto de obras, Benedicto Monteiro é considerado um valioso autor da "realidade contextual" da ficção amazônica.

"A Corda da Fé", que compõe o Belém da Memória, na verdade, é um fragmento do livro *O Discurso sobre a Corda*, que homenageia o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, procissão religiosa tradicional, no Pará..



## O Discurso sobre a Corda (fragmento)

A corda  
é uma oração de pés e braços  
de mãos seguras  
em corpo-a-corpo e em desespero  
mil almas amarradas e libertas  
unidas e desunidas em mil cores  
mil caras de mil partes  
mais de mil portes  
mais de mil faces  
mais de mil preces  
mais de mil pedidos explodindo em êxtase  
explodindo em olhos  
em poros, pêlos e apelos

.....  
A corda é um rio que leva a viagem  
É água que lava tudo e todos numa chuva.

# Bom-dia Belém

*Há muito, mas muito que aqui no meu peito  
murmuram saudades azuis do teu céu*

.....  
*Onde anda meu povo, meu rio, meu peixe,  
meu sol, minha rede, meu tambatajá,  
a sesta, o sossego da tarde descalça,  
o sono suado do amor que se dá?*

.....  
*Belém, minha terra, meu pão, minha casa,  
meu sol de janeiro a janeiro a luar!*

.....  
*Belém, minha selva metropolitana,  
me beija, me abraça que eu quero matar  
a doída saudade que eu nunca te disse  
(torturas de exílio que o tempo descobre...)  
Sem Círio da Virgem, sem cheiro cheiroso,  
sem chuva que lava pecados de pobre!*

*Cochilo saudades na noite abanando  
teu leque de estrelas, Belém do Pará!  
Só quero uma estrela na terra e o ruído  
da enchente de ouro do rio Guajará!*



Teatro da Paz, no centro da Praça da República, em Belém, antigo Largo da Pólvora

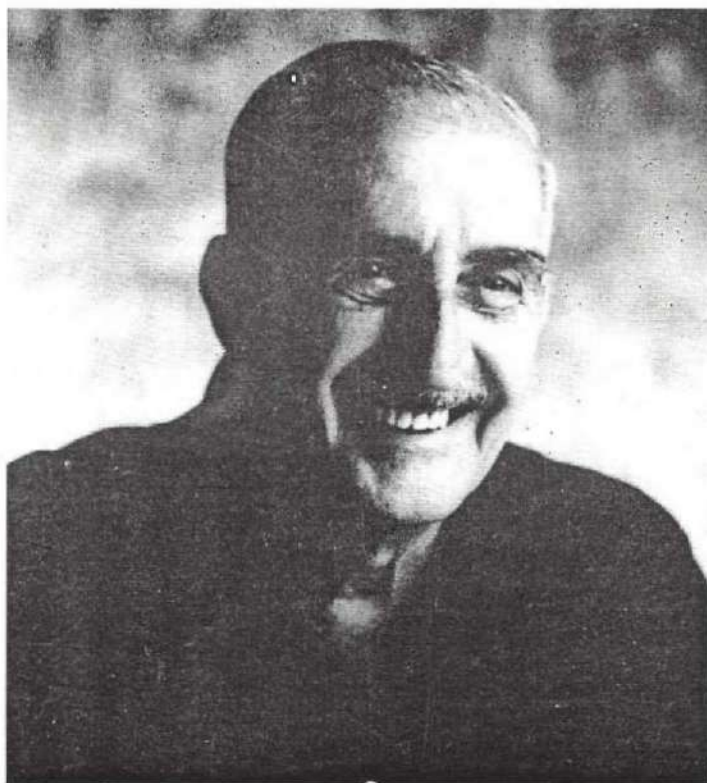
## Adalcinda Camarão

Adalcinda Camarão (Muaná, Pará, 1920) é poeta que coloca o sentimentalismo na pena; seus textos têm muito de romântico; as emoções derramam-se sobre as coisas da terra paraense que ela cultiva, à distância e com saudades, uma vez que mora há muito em Washington, nos EUA.

Camarão colaborou com a histórica revista *Terra Imatura* que, nos fins da década de 30, divulgou trabalhos de intelectuais expressivos do Pará. Adalcinda, além de tudo, é viúva de Líbero Luxardo, nosso mais expressivo cineasta.

A composição escolhida para integrar o Belém da Memória fez-se de parceria com Edyr Proença.

Adalcinda e Edyr são os autores de *Bom-dia, Belém*.



## Edyr Proença

Edyr Paiva Proença era um belemense eclético. Homem atuante nas áureas épocas do rádio paraense, Edyr Proença foi jornalista, locutor esportivo, cronista, autor de duas obras: *Coisas do Futebol* e *Nem Romário nem Pelé nem Coisa Nenhuma*. Torcedor incurável, Edyr, embora já falecido, é um dos ícones de Belém.